

## ANAUÊ LITERÁRIO

“Seremos lidíssimos! Insultadíssimos! Celeberrimos. Teremos nossos nomes eternizados nos jornais e na História da Arte Brasileira.” Foi assim, com uma frase de impacto e premonitória, que Mário de Andrade descreveu os participantes da Semana de Arte Moderna de 1922. Não foi à toa que o líder da Ação Integralista Brasileira, Plínio Salgado (1895-1975), sentiu-se atraído pelo movimento. O evento de 1922, considerado um dos divisores da arte nacional, provocou debates, discussões e críticas, durante décadas.

Plínio Salgado é conhecido, principalmente, pela liderança no movimento integralista, que tinha como propósito a formação de um movimento nacional. A organização foi influenciada pelos movimentos fascistas europeus e priorizava a arregimentação de militantes e o enquadramento em uma estrutura hierárquica. O movimento teve intenso e rápido crescimento até a decretação do Estado Novo, em novembro de 1937.

Para entender como surgiu a lendária figura do líder integralista, é necessário conhecer suas raízes. Plínio nasceu em São Bento do Sapucaí, São Paulo, em 1895, descendente de uma família tradicional católica e política. Sua formação teve o pai como referência. O Coronel Francisco das Chagas Esteves Salgado era um forte chefe na cidade e ligado ao Partido Republicano Paulista (PRP). A mãe, Ana Francisca Rennó Cortez, era professora e grande responsável pela educação do filho. O garoto Plínio cresceu num cenário em que predominava a influência política do pai – um admirador do nacionalismo autoritário do Presidente Marechal Floriano Peixoto (1891-1894). A morte do patriarca, em 1911, obrigou o menino a abandonar os estudos aos 16 anos.

Em 1916, deu início à carreira jornalística como redator do *Correio de São Bento*. Aos 23 anos, casou-se com Maria Amélia Pereira. Em menos de um ano, com a morte prematura da esposa, viu-se diante da responsabilidade de cuidar da única filha, de 14 dias. Entretanto, a vida particular não interrompeu o ideal político – no mesmo ano, 1918, participava da organização do Partido Municipalista formado por líderes do vale do Paraíba. O objetivo da agremiação era claro: combater o governo estadual. Para Salgado era inadmissível o desequilíbrio político entre o poder central, os Estados e os Municípios. Não podendo mais permanecer na cidade por motivos político locais, tenta a sorte na capital do Estado. A mudança para São Paulo contribuiu para o surgimento de um novo Plínio Salgado.

O trabalho no *Correio Paulistano*, órgão do PRP, impulsionou uma série de discussões políticas na redação do jornal, e Plínio encontrou o ambiente político e intelectual de que necessitava. O momento foi decisivo para sua formação. Nos primeiros anos em São Paulo, ganhou destaque e lançou, em 1919, aos 24 anos, sua primeira obra: *Thabôr*, uma coletânea de poemas dedicada à mulher e ao pai. Os poemas ufanistas e de exaltação extrema ao país foram publicados pelo jornal *Estado de São Paulo*. O poema denominado *Brasil* diz:

Brasil! Ó minha pátria idolatrada!  
Vede: - que grande e triunfal nação!  
Em cada bosque um paraíso! em cada  
folha da história, uma cintilação!

Terra de glória e amor! Urna sagrada  
de imortal e radiosa tradição!  
Quero por ela, manejando a espada,  
enfrentar o delírio do canhão!

Na febre deste amor que o sangue escalda,  
a sobra da bandeira ouro-esmeralda,  
quero um dia tombar, quero morrer!

Porque adoro o Brasil, pátria que encerra  
cinzas de heróis! Terra sagrada! Terra  
da mulher que me faz enlouquecer!

No *Correio Paulistano* o contato que teve contato com o poeta Menotti Del Picchia, que era redator-chefe do jornal, fez com que Plínio fosse convencido a abandonar a poesia parnasiana e a dedicar-se à prosa, o que o colocou na rota dos modernistas por meio do projeto de renovação da cultura nacional. Como Plínio Salgado afirmava: “Estávamos todos preparados para o grande movimento. Faltava aglutinar. E isto foi feito em fevereiro de 1922.”

A experiência modernista despertou a consciência de uma organização política voltada para a luta. Nesse contexto de defesa da nação brasileira, lançou, em 1926, o primeiro romance, *O estrangeiro*, sucesso estrondoso na época. A primeira edição acabou em 20 dias. A publicação recebeu elogios de um dos críticos do movimento de 22, o já renomado Monteiro Lobato.

Em *O estrangeiro*, o autor faz uma série de reflexões sobre a imigração e o nacionalismo e, conseqüentemente, as alterações culturais do Brasil nas primeiras décadas do século XX. Plínio Salgado

mostra na obra que é preciso promover uma mudança no país, e posteriormente afirmou: “em abril de 1926, publicou-se o romance; nunca mais abandonei esta batalha. O drama de meu povo apoderou-se de mim”. De forma messiânica, refletiu sobre a sociedade e propôs a solução para os problemas da nação, em 1932, com a criação da Ação Integralista Brasileira.

O livro *O estrangeiro* faz parte da trilogia denominada “Crônicas da Vida Brasileira”, e é seguido de *O esperado*, de 1931, e *O cavaleiro de Itararé*, de 1933. Após a publicação da trilogia, Plínio Salgado deu vida a um romance-histórico intitulado *A voz do Oeste*, em 1934. A obra analisa os bandeirantes como a raiz do nacionalismo brasileiro.

Naquele momento, a produção literária voltou-se, exclusivamente, ao movimento integralista. A literatura ganhou novos ares e as criações enfocaram a catequização dos camisas-verdes, como eram conhecidos os integralistas.

As obras ficcionais de Salgado são análises do Brasil, pautadas no *Manifesto do Verde-amarelismo*, divulgado em 1929 por ele e por diversos intelectuais da Semana de 22. No documento, há um discurso baseado no nacionalismo cultural e político inserido no contexto de ascensão aos movimentos totalitários europeus e inspirado nesses regimes, em que o nacionalismo do grupo mostra toda sua expressão.

Em viagem à Europa, em 1930, Plínio Salgado teve contato com os novos regimes políticos que surgiam, principalmente o fascismo italiano de Benito Mussolini. A experiência provocou uma reflexão no brasileiro: a melhor saída para o país seria adotar o nacionalismo agressivo impondo a hegemonia do Brasil na América do Sul.

O contato político, ideológico e até mesmo sentimental com Mussolini gerou em Plínio algumas impressões em relação ao fascismo. O brasileiro absorveu conceitos e práticas que, para ele, foram fundamentais na construção ideológica do integralismo.

A defesa do nacionalismo era a principal marca da obra de Plínio Salgado, além do tom messiânico, no qual afirmava ser uma das pessoas que objetivavam salvar e defender o povo brasileiro. Todas essas impressões aparecem registradas em suas obras literárias.

Plínio Salgado voltou a escrever ficção após o decreto do Estado Novo e redigiu, entre 1938 e 1939, *Trepandé*, obra que foi guardada pelo autor e publicada somente em 1972. Nesta, mais uma vez a riqueza da terra e o valor nacional foram expressos de forma eloquente.

Em 1948, após o exílio em Portugal no período do Estado Novo, lançou *Poema da fortaleza de Santa Cruz*, em que comenta, de forma emocionada, os momentos na prisão, sempre tendo em mente o amor pelo Brasil.

Em 1951, Plínio Salgado resolveu inovar dentro de um projeto de retorno ao cenário político nacional e editou sua primeira e única obra infantil: *Sete noites de Joãozinho*. O ponto central do livro gira em torno da concepção nacionalista e tradicionalista. O personagem infantil em todo o enredo conhece o Brasil dentro de uma visão cristã - um dos pilares do autor.

Em 1961, publicou, sob o pseudônimo de Ezequiel, *Poemas do século tenebroso*. Mais uma vez, o teor religioso e messiânico foi colocado em pauta. Ezequiel, em um dos livros do Antigo Testamento, teria recebido um chamado divino para fundar uma escola de profetas, tendo a perda da esposa também como sinal da ação de Deus. Qualquer semelhança com a vida de Plínio Salgado não é mera coincidência!

Nesta coletânea de poemas, a política brasileira foi analisada no contexto pré-golpe militar. Plínio Salgado foi um dos grandes pontos de apoio do Governo Militar (1964-1985), sendo deputado pela ARENA. Ajudou a criar, no Ministério da Educação, a prática curricular da disciplina Educação Moral e Cívica.

Meses antes de morrer, começou a escrever o romance *O dono do mundo*, que ficou inacabado. Plínio Salgado morreu em 1975, em São Paulo, devido a uma parada cardíaca. Sua última obra foi publicada em 1999, pela editora GRD, que ainda tenta manter vivo o pensamento nacionalista do autor.

Embora a crítica política tenha sido atenta na análise das obras militantes de Plínio Salgado, sua literatura ficcional foi esquecida como veículo das mesmas idéias que o trabalho político veiculou. É preciso atribuir a elas a importância que merecem como material de entendimento da história brasileira.

Leandro Pereira Gonçalves é Professor Titular do Curso de História do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora e do Colégio Cristo Redentor (Academia de Comércio); Doutorando em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; Mestre em Literatura Brasileira pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora; Especialista em História do Brasil pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais; Licenciado em História pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora. Pesquisador dos Grupos: Integralismo e outros movimentos nacionalistas (UFF/CNPq); Cidadania, Trabalho e Exclusão (UFJF/CNPq); Literatura e Autoritarismo (UFSM/CNPq); Observatório da Indústria Cultural (UFF/CNPq); E/Imigrações: histórias, culturas, trajetórias (MACKENZIE/CNPq) e Percursos literários brasileiros (CES-JF/CNPq).